

**CARNE
CRUA**

CONTOS

**RUBEM
FONSECA**

0,19 kg

144 pg

-

26

TEXTOS

-

2018



**EDITORA
NOVA
FRONTEIRA**

ISBN 978-85-209-4336-6



9 788520 943366

Copyright © 2018 by Rubem Fonseca

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

F747c

Fonseca, Rubem, 1925-

Carne crua / Rubem Fonseca. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2018.
144 p.

ISBN 978-85-209-4336-6

1. Contos brasileiros. I. Título

18-52565

CDD: 869.3
CDU: 82-34(81)

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Ficha catalográfica

A praça

Amor e outros prolegômenos

Aparecida

Boceta

Boceta — parte II

Cafetões

Carne crua

Cornos

Desculpas esfarrapadas

Diarreia

Falsificado

Feitiço brasileiro

Gosto de ver o mar

Grande amor

Homens e mulheres

Igreja Nossa Senhora da Penha

Nada de novo

Noel

O mundo vai mal

O ser é breve

Oropa

Os originais e as imitações

Os pobres, os ricos, os pretos e a barriga

Papai Noel

Penso e falo

Tecido

O autor

Colofão

A PRAÇA

Moro sozinho, num apartamento de sala e dois quartos, perto da praça. É uma dessas praças com árvores, cujos nomes não sei, mesas de cimento com quatro bancos, também de cimento, onde toda tarde uns velhotes gordos jogam cartas. Eu só vejo gente gorda andando na rua, homens e mulheres de todas as idades. Li que a obesidade é um fenômeno mundial, ligado à alimentação errada, na maioria das vezes, conquanto existam alguns casos de origem genética.

Fico sentado no banco da praça alguns minutos, todos os dias, pela manhã, para receber um pouco de sol na pele. Li, na internet — hoje ninguém vive sem a internet, mas essa é outra história —, que todas as formas de vida do planeta necessitam, direta ou indiretamente, dos efeitos da luz solar para viver. No caso dos humanos, além da manutenção da temperatura corporal, a incidência dos raios solares permite processos químicos importantes, como a produção de vitamina D, responsável pela fixação do cálcio em nosso corpo.

Mas tem gente que não gosta de sol, antigamente as mulheres saíam na rua abrigadas por uma sombrinha e os homens usavam chapé-panamá, que na verdade é feito de palha do Equador, mas isso é outra história, fica para depois.

A luz solar é fundamental, ainda, para que as plantas da minha praça possam realizar a fotossíntese, processo através do qual os vegetais transformam gás carbônico em glicose (que é absorvida por eles) e em oxigênio (liberado para a atmosfera).

A glicose produzida nos vegetais irá transmitir energia a toda a cadeia alimentar que vem adiante, nas várias espécies de animais que se alimentarão das plantas, nos animais que se alimentarão desses animais etc. Mas a glicose pode ser um problema, quando ela é alta pode causar diabetes, doença comum nas pessoas obesas. Quando eu ando pela rua, a cada dez pessoas que vejo, homens e mulheres, seis são obesos.

Novamente, nós, seres humanos, acabamos sendo beneficiados pela luz solar — já que também nos alimentamos dessas plantas e/ou animais e retiramos deles a nossa energia. O calor do sol (que resulta de partes da luz solar invisíveis aos nossos olhos) tem, também, a função de acelerar a quebra das moléculas de proteínas e, em alguns casos, regula diretamente a temperatura corporal de animais como peixes, anfíbios e répteis.

De volta aos seres humanos, a parte visível da luz solar tem a função de regular o nosso ritmo biológico e todas as suas atividades, como a liberação de hormônios durante nossas atividades diárias e durante o sono. É também com a ajuda da luz solar que desenvolvemos a nossa capacidade natural de visão. Sei que mesmo com todos esses benefícios, a ação dos raios solares sobre nossa pele, em excesso, pode causar danos, levando ao desequilíbrio celular e ao surgimento de doenças, como o câncer de pele. Por isso, é importante equilibrar a exposição ao sol tomando cuidados como evitar horários de forte incidência de raios (entre 12h e 15h) e utilizar, sempre que possível, protetor solar.

Perto da praça tem um botequim. Toda tarde eu vou lá, tomar um cafezinho. Odeio café, essa porcaria me faz mal, mas o café é um pretexto para ver Odete. Acho que ela é mulata, mas não parece. Aqui neste país, e também na Colômbia, muitos negros vieram plantar café, os donos das fazendas fornicavam as negras e mulatos e mulatas foram nascendo. Enfim, gente mestiça, mesmo que isso não apareça na cor da pele, existe numa proporção imensa. O que é bom, a mistura de raças é benéfica sob todos os aspectos.

Hoje fui ao botequim. Odete estava lá, de saia preta, blusa preta e avental preto. O botequim, que é muito pequeno, tem apenas dois empregados, Odete e um sujeito magrinho, vestido de preto, que não usa avental. Além deles há o patrão, um português de cabeça branca, um cara legal que me cumprimenta amistosamente quando eu apareço.

Odete veio me atender.

“Um cafezinho, por favor, adoçante separado.”

Sou magro, mas tenho horror de ficar gordo. Meu pai era magro e minha mãe que era ainda mais magra dizia “a gordura é mortal, não coma porcarias, meu filho”. Eles morreram cedo, magrinhos, mas não quero pensar nisso.

Naquele dia, no botequim, enchi-me de coragem, e quando Odete trouxe o café eu disse “meu nome é José”.

Ela sorriu. Um sorriso lindo.

“O meu é Odete”, ela disse.

“Era o nome da namorada do Fernando Pessoa”, eu disse.

“É o meu poeta favorito”, disse Odete. “O poeta é um fingidor, finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente.”

Meu amor por Odete cresceu tanto que meu coração começou a bater desordenadamente, pensei que ia morrer.

Mas não morri. Agora, Odete e eu tomamos sol juntos na praça e ela está morando na minha casa.

AMOR E OUTROS PROLEGÔMENOS

Um filósofo, de cujo nome não me lembro, disse que a vida se resumia em nascer, comer, defecar e morrer. Ele está parcialmente certo. De fato, a vida começa quando o bebê nasce. Ele depois come, toma o leite do peito da mãe ou de alguma doadora, e defeca — os bebês defecam sem parar, existem fraldas descartáveis, mas quem é pobre tem que limpar o cocô da bunda e da fralda do bebê, lavar, quarar, um trabalho ininterrupto. Mas bebê não morre, não é? Alguns morrem, a maioria no entanto sobrevive, tanto que existe cada vez mais pessoas no mundo, já somos alguns bilhões espalhados pela Terra. Sim, o bebê nasce, come, defeca, e depois quer andar. Primeiro engatinha, mas quer andar, e quando anda gosta de dar pulos, pequenos pulos, gosta de elevar-se do chão por impulso dos pés e das pernas. (Creio que todos os animais são assim, gostam de usar as pernas, os quadrúpedes principalmente.) Querem se movimentar, e muitos — estou falando dos chamados seres humanos — querem viajar pelo mundo, o vasto mundo mencionado pelo poeta que não era Raimundo. O homem (ou a mulher) também quer usar a cabeça, não falo de perucas e cabelos alourados no salão de beleza, falo de usar a cabeça para pensar. *Cogito, ergo sum*, disse outro filósofo, penso logo sou. Pensar faz a pessoa ser. Para o teatrólogo e para todos, essa é a questão: ser ou não ser. A pessoa quer ser, para isso também tem que pensar. Ou seja, quando nasce, além de defecar

e comer e andar, o ser humano também pensa. E pensar faz a pessoa ver; ela não vê como as coisas são, mas como gostaria que fossem.

Bem, chega de chafurdar em prolegômenos. Quem não entender o que estou querendo dizer que vá plantar batatas. (Como todos sabem, a expressão “vá plantar batatas” surgiu em Portugal provavelmente na época das navegações, mas o motivo por ter sido e ainda ser usada tem um sentido irônico e não depreciativo da atividade de agricultor. A ironia vem do fato de, em Portugal, não se dizer “plantar batatas”, mas sim semear batatas, pois plantar só se usa para a muda das árvores, sendo que os legumes, os grãos, abóboras, melões etc. se semeiam, porque se lança ou enterra a semente na terra. Logo, mandar alguém “plantar batatas” significa “me deixe em paz e vá fazer uma coisa impossível ou sem pé nem cabeça”. Estou me lembrando de uma cantiga de criança que diz: “batatinha quando nasce espalha a rama pelo chão, menininha quando dorme põe a mão no coração, o bolso furou e o papai caiu no chão, mamãe que é mais querida ficou no coração.”)

Este texto é longo, tem um papel introdutório. Eu quero falar do amor, da mulher por quem estou apaixonado, e fico rodopiando pelas palavras feito um pião, aquele brinquedo cônico, de madeira e com ponta metálica, que, desenrolando-se de um cordel ao ser lançado, gira rapidamente.

Chega de girar. Meu nome é José e o dela é Maria. Somos vizinhos em uma rua de casas grandes com jardim na frente e quintal nos fundos. Estou apaixonado por ela, mas Maria nem me vê. Eu sou rico, sou jovem, não sou bonito nem feio. Maria também é rica, quer dizer, o pai dela é rico.

Um dia encontrei Maria na rua. Enchi-me de coragem, parei na frente dela e disse:

“O meu nome é José.”

“O meu é Maria.”

A voz dela era linda, maviosa. Senti algo dentro de mim, fechei os olhos e inalei, aspirei o ar profundamente. Quando abri os olhos

Maria tinha desaparecido. Olhei atarantado para todos os lados. Maria tinha sumido.

Fui para minha casa macambúzio. Dida, a mordoma da casa que cuidou de mim desde que nasci, perguntou:

“Que carinha triste é essa?”

“Não é nada, não se preocupe”, respondi.

“Zezinho, você não me engana”, disse ela.

Tenho vinte anos e ela continua me chamando de Zezinho. Mas eu não vou brigar com a Dida, é a minha segunda mãe. Ela é preta, muito, muito, muito preta, de uma negrura deslumbrante. Gosto dela tanto quanto gosto da minha mãe.

Meu pai e minha mãe nunca brigam. A razão dessa cordialidade pode ser explicada pela teoria do filósofo, ou seja lá quem for, que disse que para um casamento dar certo o homem deve morar numa casa e a mulher em outra. Se isso não for possível, que durmam em quartos separados. Se isso não for possível, que durmam em camas separadas. Dormir na mesma cama acaba com qualquer casamento. Minha mãe diz que mora em quarto separado devido ao ronco do meu pai.

“Seu pai, Zé, ronca de uma maneira tão estrondosa que duvido que alguém consiga dormir com ele no mesmo quarto.”

Meu pai acha graça. Os dois gostam de champanhe, francesa evidentemente. Às vezes, dormem no mesmo quarto, ora o dele ora o dela.

Estávamos na sala. Minha mãe, meu pai e eu.

“Zé, a Dida me contou que você anda muito triste”, disse a minha mãe.

“Triste? Eu? Não, não, isso é invenção dela.”

Minha mãe acionou uma campainha que toca nos aposentos de Dida; ela tem um quarto, uma sala e um banheiro só dela.

Dida apareceu na sala.

“Dida, repete o que você me disse.”

“Dona Marta, o Zezinho anda muito triste. E eu sei a razão. Posso dizer?”

“Claro, Dida, diga, por favor.”

“Ele está apaixonado.”

“Que maravilha”, disse meu pai.

“O Zezinho está apaixonado pela vizinha, a menina Maria.”

“Vou para o quarto”, eu disse irritado, saindo da sala.

No dia seguinte minha mãe disse:

“Zé, não chega tarde para o almoço. Hoje vamos ter uma comida especial.”

Perambulei pelas ruas com vontade de chorar.

Quando cheguei em casa minha mãe me recebeu na porta dizendo:

“Hoje temos uma convidada para o almoço.”

Na sala de visitas, sentada, estava minha Maria.

“Ela disse que gosta muito de você, mas é tímida e tinha medo de se declarar”, disse minha mãe.

Estou namorando a Maria. Estamos muito felizes.

“Que idade você tem, meu filho?”

“Vinte e cinco anos.”

“E nunca viu?”

“Não, senhor.”

“Eu vi uma pela primeira vez com dezoito anos.”

“Como é que eu faço, seu Raimundo?”

“Deixa eu pensar... deixa eu pensar... Eu conheço um cafifa, o Zé, que tem uma porção de mulheres, vou ter que perguntar a ele.”

Eu nunca tinha ouvido aquela palavra, cafifa, mas devia ser um mórmon, adepto daquela doutrina protestante que admite a poligamia.

“Incrível... incrível, nunca viu uma... com vinte e cinco anos...”

Seu Raimundo coçou a cabeça, seu rosto mostrando surpresa.

Dois dias depois seu Raimundo me procurou para dizer que o Zé Cafifa tinha arranjado uma das mulheres dele para me mostrar a... a...

Fiquei horrorizado.

“Seu Raimundo, não posso fazer isso com uma mulher casada, mesmo que seja mórmon...”

“Ela não é casada. É uma das garotas de programa, essas que antigamente eram chamadas de prostitutas. Ou putas.”

“Mas o senhor disse que ele era mórmon!”

“Não disse que ele era mórmon, disse que ele um cafifa. Cafifa é o mesmo que cafetão, esses caras que exploram putas, sabe como é? O freguês paga para a puta e ele fica com parte do dinheiro, a maior parte, é claro. Você vai ter que pagar para essa mulher. O Zé já até escolheu a puta, é uma tal de Daiana, claro que esse nome é falso.”

Durante algum tempo eu fiquei perturbado, sem saber o que dizer. Depois perguntei:

“Quanto vou ter que pagar a essa dona Daiana?”

“Se for só para mostrar a boceta é barato.”

O seu Raimundo disse quanto era. Depois perguntou:

“Posso marcar com o Zé? Aqui na sua casa? Escolhe o dia e a hora.”

CORNOS

Estavam os três no boteco, Xavier, Pedro e José, tomando chope.

Xavier: “Existem três tipos de corno, isso no mundo inteiro, Europa, África, América, do norte, central e do sul, Ásia, Oceania, Antártida, nesses lugares todos existem três tipos de corno, o corno bravo, o corno manso e o corno burro. O burro pode ser apenas ignorante. No mundo inteiro.”

“Em alguns lugares da nossa terra o corno é também conhecido como cornudo, guampudo e outros nomes que não lembro”, disse José.

“Deixa eu terminar, Zé, você sempre me interrompe. O corno bravo é aquele que, quando descobre que está sendo traído, mata a mulher e o sujeito que está corneando ele. Às vezes, se a mulher é muito bonita, ele perdoa ela. Existem poucas mulheres bonitas no mundo.”

“Aqui tem muitas.”

“Porra, Zé, deixa eu falar, para de me interromper. O corno manso não se incomoda.”

“Quando é bicha ou brocha.”

“Putá que pariu, Zé, deixa eu falar, caralho! Tem corno manso que não é nem bicha nem brocha.”

“Todo mundo tem que ser alguma coisa. Psicologicamente falando o corno manso é o quê?”

“Zé, não estamos falando de psicologia. Estamos falando do